

REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA E A NARRATIVA SUBALTERNA

Adriana Elisa Bozzetto¹

Eixo temático: Estudos das Interseccionalidades: classe, desigualdades de gênero e sexualidades.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o local de fala do sujeito subalterno no contexto da representação etnográfica. O texto discutirá alguns pontos e questionamentos a respeito da antropologia e do método etnográfico desenvolvidos no Ocidente e a importância de narrativas não ocidentais. Para a realização de tal discussão, foi feita uma revisão bibliográfica acerca de aspectos da consolidação do método etnográfico como um método científico válido e da problemática da interpretatividade da representação etnográfica pelo Ocidente. Neste estudo foi possível chegar à consideração da necessidade da autorrepresentação dentro dos estudos etnográficos.

Palavras-chave: Antropologia; Subalternidade; Etnografia

Introdução

A antropologia é ela própria uma ciência de origem europeia que visa estudar o ser humano em várias dimensões, dentre elas a formação de sociedades distintas e diversas em termos de cultura, signos e linguagem. Para a viabilidade de tal estudo, foi desenvolvido o método etnográfico, a fim de trazer maior cientificidade no

¹ Mestranda em Estudos Africanos, Universidade do Porto. E-mail: aelisab@yahoo.com.br

**III SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO,
GÊNERO, RAÇA E ETNIA 2019**

NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO, XENOFOBIA E
DISCRIMINAÇÕES CORRELATAS SÃO NECESSÁRIAS

**COMO
CONSTRUÍ-LAS?**

retrato de diferentes grupos humanos em suas formas de agir, socializar e se organizar.

Este trabalho é resultado de questionamentos surgidos durante minha vivência no mestrado de Estudos Africanos na Universidade do Porto em que, apesar da abertura e incentivo burocrático para alunos estrangeiros, no cotidiano há pouco espaço de fala para estudantes, epistemologias e autores vindos da América Latina e África. Viso aqui questionar a participação do Terceiro Mundo como produtor de estudos etnográficos e discutir a importância do espaço do subalterno como produtor de conhecimento e representante de si, ao invés de representado por outrem como objeto de estudo. O texto abordará brevemente a etnografia para em seguida discutir questões pertinentes ao desenvolvimento de estudos etnográficos em espaços periféricos e não ocidentalizados.

1. Sobre o estabelecimento de um método etnográfico

Se inicialmente o antropólogo fazia sua pesquisa dentro de gabinetes sem contato direto com o grupo a ser analisado, Malinowski trouxe a necessidade de se estar no mesmo território do objeto de estudo, consolidando o método etnográfico como uma metodologia científica válida. De forma resumida, na etnografia de Malinowski, o observador em campo primeiro se isola, faz anotações de evidência material e depois, aos poucos, passa à interação direta com a comunidade estudada, convive, interpreta e registra suas impressões. Tudo seguindo uma fórmula, tratando o local como um “laboratório natural” e com o intuito de obter dados e fazer pesquisa da forma mais pura e neutra possível; para qualquer território e qualquer cultura, há uma mesma forma de se fazer pesquisa, em método desenvolvido e sistematizado com rigor por Malinowski (Almeida, 2009; Santos, 2013).

**III SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO,
GÊNERO, RAÇA E ETNIA 2019**

NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO, XENOFOBIA E
DISCRIMINAÇÕES CORRELATAS SÃO NECESSÁRIAS

**COMO
CONSTRUÍ-LAS?**

Esse método foi de grande importância para a aceitação no meio científico da antropologia e a revolucionou, principalmente no sentido de negar a pesquisa feita a partir da simples análise e interpretação de objetos descontextualizados, sem que o pesquisador tivesse qualquer tipo de contato com o local e o grupo de origem de tal item. No entanto, com a emergência de novas formas de se produzir conhecimento e pensar as ciências, principalmente humanas, a etnografia malinowskiana passou a ser abordada de forma mais crítica em alguns pontos, sem deixar de ter sua relevância reconhecida. No âmbito desses novos paradigmas, Geertz (1973), por exemplo, faz a seguinte consideração:

A noção de "laboratório natural" tem sido igualmente perniciosa, não apenas porque a analogia é falsa - que espécie de laboratório é esse onde nenhum dos parâmetros é manipulável? -, mas porque ela leva à noção de que os dados obtidos com os estudos etnográficos são mais puros, ou mais fundamentais, ou mais sólidos, ou menos condicionados (a palavra favorita é "elementar) do que aqueles conseguidos através de outras espécies de pesquisa social. A grande variação natural de formas culturais é, sem dúvida, não apenas o grande (e desperdiçado) recurso da antropologia, mas o terreno do seu mais profundo dilema teórico: de que maneira tal variação pode enquadrar-se com a unidade biológica da espécie humana? Mas não se trata, mesmo metaforicamente, de uma variação experimental, uma vez que o contexto na qual ela ocorre varia simultaneamente com ela e não é possível (embora haja aqueles que tentam) isolar os y's dos x's para escrever a função adequada. (Geertz, 1973, p16)

Geertz é crítico à abordagem positivista, visto que considera impossível a existência da impessoalidade na antropologia, considerando a cultura em si como um elemento interpretativo. Para o autor,

**III SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO,
GÊNERO, RAÇA E ETNIA 2019**

NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO, XENOFOBIA E
DISCRIMINAÇÕES CORRELATAS SÃO NECESSÁRIAS

**COMO
CONSTRUÍ-LAS?**

os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" - o sentido original de fictio - não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento. Construir descrições orientadas pelo ator dos envolvimento de um chefe berbere, um mercador judeu e um soldado francês uns com os outros no Marrocos de 1912 é claramente um ato de imaginação, não muito diferente da construção de descrições semelhantes de, digamos, os envolvimento de um médico francês de província, com a mulher frívola e adúltera e seu amante incapaz, na França do século XIX. Neste último caso, os atores são representados como hipotéticos e os acontecimentos como se não tivessem ocorrido, enquanto no primeiro caso eles são representados como verdadeiros, ou pelo menos como aparentemente verdadeiros. Essa não é uma diferença de pequena importância: é precisamente a que Madame Bovary teve dificuldade em aprender. Mas a importância não reside no fato da história dela ter sido inventada enquanto a de Cohen foi apenas anotada. As condições de sua criação e o seu enfoque (para não falar da maneira e da qualidade) diferem, todavia uma é tanto uma fictio - "uma fabricação" - quanto a outra. (Geertz, 1973, p11).

Ainda no mesmo grupo de Geertz, estão James Clifford, Paul Rabinow e George Marcus, autores pós-modernos, que trazem em suas obras a necessidade de se considerar não apenas o ponto de vista do antropólogo, mas também dos grupos a serem analisados durante a construção do estudo. A abertura para tentativa de uma construção conjunta de narrativa antropológica entre o pesquisador e o alvo de pesquisa, reconhecendo que a pessoa por trás da persona científica interfere na condução e conclusão do estudo, foi de grande relevância para uma nova abordagem antropológica (Santos, 2013).

III SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO, GÊNERO, RAÇA E ETNIA 2019

NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO, XENOFOBIA E
DISCRIMINAÇÕES CORRELATAS SÃO NECESSÁRIAS

**COMO
CONSTRUÍ-LAS?**

No entanto, mesmo que essa visão demonstrasse uma etnografia mais dialógica e descentrada, não rompeu com estrutura geopolítica da disciplina, continuando o Primeiro Mundo reconhecido como produtor de conhecimento e o Terceiro Mundo como mero objeto de pesquisa. Apesar de ter coincidido com o processo de descolonização na Ásia e África, esses etnógrafos pós-modernos ainda são pertencentes a uma lógica de estrutura colonial e de universalização das ciências ocidentais. E estando nessa posição, mesmo com esforços para o contrário, não conseguiram fugir de reservar às culturas e sociedades não ocidentais ou não ocidentalizadas um espaço de subalternidade e subrepresentatividade.

2. A importância de outras narrativas

Said (1989) explica que, mesmo com o fim do sistema colonial, a lógica de estigmatização em zonas de dependência e periferia se mantiveram. Ainda que o mundo tenha deixado de ser dividido entre colônia e metrópole, continuou a ser dividido entre os considerados melhores e piores, os que foram os colonizadores e os que foram os colonizados:

In other words, the world was still divided into better and lessers, and if the category of lesser beings had widened to include a lot of new people as well as a new era, then so much the worse for them. Thus to be one of the colonized is potentially to be a great many different, but inferior, things, in many different places, at many different times. (Said, 1989, p.207)²

² Em outras palavras, o mundo ainda estava dividido em superiores e inferiores, e se a categoria de seres inferiores aumentasse para incluir muitas pessoas novas assim como uma nova era, então pior para elas. Portanto, ser um dos colonizados é potencialmente uma grande diferença, mas inferior, em coisas, lugares e momentos diferentes. (tradução nossa).

III SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO,
GÊNERO, RAÇA E ETNIA 2019

NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO, XENOFOBIA E
DISCRIMINAÇÕES CORRELATAS SÃO NECESSÁRIAS

COMO
CONSTRUÍ-LAS?

O autor teceu uma crítica ao fato de em tanta variedade de escritos antropológicos haver pouca referência ao imperialismo, em especial promovido pelos Estados Unidos, e ao neocolonialismo. Além disso, Said, partindo inclusive de seu local de fala como palestino, se manifesta em prol da luta de grupos oprimidos para sair do status de subalternidade. O subalterno é aquele que até possui voz, mas não tem espaço de fala; “A condição de subalternidade é a condição do silêncio.” (Carvalho, 2001, p120). O subalterno é personificado geralmente por figuras não ocidentais, não masculinas e não brancas. Figuras que historicamente estiveram afastadas dos espaços de poder e que por muito tempo foram representadas a partir da visão de outrem, raramente a partir de si (Carvalho 2001; Said 1989).

A grande problemática dessa representação a partir de um ponto de vista centralizado primeiro na Europa e depois nos Estados Unidos, como argumenta Derrida (1998), é a formação e disseminação de estereótipos.

Isto porque é a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade: ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explorado logicamente. (Derrida, 1998, p 106)

Essa formação de estereótipos é tão forte que, mesmo em países do Terceiro Mundo, como é o Brasil, há a formação e perpetuação deles. No campo da antropologia, ressaltando que a elite brasileira historicamente mais presente na academia é caracteristicamente branca, masculina e representativamente ocidental, os principais autores tradicionais brasileiros como Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque, fomentam a ideia de um sistema racial funcional no país e retratam como figuras do imaginário nacional o moreno, mestiço e a mulata, por exemplo.

III SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO,
GÊNERO, RAÇA E ETNIA 2019

NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO, XENOFOBIA E
DISCRIMINAÇÕES CORRELATAS SÃO NECESSÁRIAS

COMO
CONSTRUÍ-LAS?

Ideia e imagens essas que são refutadas quando surgem antropólogos não brancos, que começam a romper com a subalternidade e a ganhar algum espaço de auto representação (Carvalho, 2002).

Quando se trata da produção de estudos etnográficos, é importante que tais pontos sejam constantemente analisados. Isso porque, por muito tempo e ainda na atualidade, os grupos não ocidentalizados foram tratados como meros objetos de estudos, não como potenciais produtores de ciência e conhecimento, e foram postos, em sua maioria, na posição de subalternos. Quanto aos autores que abordam este tema, Carvalho (2001), informa que

O terceiro teórico pós-colonial que pode inspirar uma revisão do olhar etnográfico é Homi Bhabha. Uma de suas principais contribuições é fazer-nos lembrar quão precária é a autoridade cultural a que estão submetidos os subalternos e os sujeitos coloniais. Essa autoridade, através da qual somos levados a estereotipar nossa relação com os países centrais, se baseia no pressuposto de uma ordem simbólica geral que é na verdade extremamente precária e frágil, como simplesmente o são todas as ordens culturais, sempre passíveis de serem refeitas em qualquer novo ato de enunciação sob o signo do confronto. Bhabha vai então atualizar esse caráter de hibridismo que é fundante da linguagem, e ao qual é submetida a atividade – ininterrupta – de tradição cultural: em sentido estrito, toda cultura é híbrida. A própria cultura dominante é híbrida no momento mesmo em que se anuncia como autoridade.(p124).

Como Said aponta ao abordar o Orientalismo, muito foi também mistificado a respeito do Oriente, e tanto as artes quanto a Academia ocidentais acabaram por criar uma representação estereotipada do mundo oriental, acarretando na imagem de um local bárbaro, de pouca intelectualidade e poucos saberes. Tal imagem acaba por legitimar uma dominação, mesmo que através do *soft power* por parte daquele

**III SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO,
GÊNERO, RAÇA E ETNIA 2019**

NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO, XENOFOBIA E
DISCRIMINAÇÕES CORRELATAS SÃO NECESSÁRIAS

**COMO
CONSTRUÍ-LAS?**

que se enxerga como elemento superior, mais avançado e desenvolvido (Santos, 2013; Carvalho, 2001; Said, 1989).

E tão forte é a capacidade de um escrito etnográfico de mistificar, desracionalizar e retratar como primitiva uma cultura e sociedade, que Horace Miner (1976), antropólogo norte-americano, escreveu um ensaio satírico chamado “RITOS CORPORAIS ENTRE OS NACIREMA”, retratando a própria sociedade americana da forma que os antropólogos usualmente retratam sociedades não ocidentalizadas. Como exemplo e para finalizar a reflexão, segue um trecho do texto de Miner que aborda os cuidados estéticos masculinos e femininos típicos estadunidenses como se fosse o próprio autor provindo de outra sociedade e produzindo um estudo a respeito dos Nacirema:

Foi a estas tendências que o Prof. Linton (1936) se referiu na discussão de uma parte específica dos ritos corporal que é desempenhada apenas por homens. Esta parte do rito envolve raspar e lacerar a superfície da face com um instrumento afiado. Ritos especificamente femininos têm lugar apenas quatro vezes durante cada mês lunar, mas o que lhes falta em frequência é compensado em barbaridade. Como parte desta cerimônia, as mulheres usam colocar suas cabeças em pequenos fornos por cerca de uma hora. O aspecto teoricamente interessante é que um povo que parece ser preponderantemente masoquista tenha desenvolvido especialistas sádicos.
(p4)

É possível nele observar como um fato comum ao cotidiano de uma sociedade pode ser descrito de forma a inferiorizá-la e como este mesmo fato pode ser descrito de mais de uma forma, a depender de quem o descreve. Por isso a necessidade e



importância da autorrepresentação etnográfica de grupos historicamente oprimidos e silenciados.

Considerações Finais

A antropologia atualmente é uma ciência de grande valor humano e a etnografia um método de grande importância para a realização desta ciência. Tendo sido o método desenvolvido por Malinowski revolucionário para que a antropologia começasse a se descentrar e as posteriores discussões essenciais para a institucionalização de uma antropologia de maior alteridade, observou-se também a ascensão de agentes outrora vistos como objetos de estudos a produtores de ciência. Com essa movimentação, foram colocados em evidência questionamentos e manifestações a respeito do local de fala e espaço de grupos historicamente marginalizados pela visão ocidental.

Não que houvesse, necessariamente, nos estudos produzidos anteriormente, uma intenção voluntária de inferiorização de outros povos e culturas (como preza afirmar em nome da diplomacia acadêmica). No entanto, assim como escreveu Geertz, é importante ressaltar que um estudo etnográfico de outra sociedade nada mais é do que uma interpretação do próprio cientista a respeito dela. E a origem do cientista influenciará diretamente no resultado final de sua pesquisa. Isso significa que seu olhar dificilmente conseguirá partir de outro referencial que não de si, por isso a importância de existir uma diversidade e diálogo na produção etnográfica, além da realização, divulgação e abertura de espaço para a produção científica de grupos subalternizados geralmente do Terceiro Mundo.

Referências

III SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE EM EDUCAÇÃO,
GÊNERO, RAÇA E ETNIA 2019

NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO, XENOFOBIA E
DISCRIMINAÇÕES CORRELATAS SÃO NECESSÁRIAS

COMO
CONSTRUÍ-LAS?

Almeida, M. W. D. Relativismo antropológico e objetividade etnográfica. **Campos-Revista de Antropologia**, vol. 3, pp. 9-29, 2003.

Carvalho, J. J. D. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes antropológicos**, vol.7, n.15, pp.107-147, 2001.

Carvalho, J. J. D. Poder e silenciamento na representação etnográfica. **Departamento de Antropologia**, n. 316, 2002.

Derrida, J. A OUTRA QUESTÃO: O Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo. In: Bhabha, H. K. **O LOCAL DA CULTURA**. Belo Horizonte: Humanitas, 1998, p. 105-129.

Geertz, C. **A interpretação das culturas**. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Miner, H. Ritos corporais entre os Nacirema. **You and the others-Readings in Introductory Anthropology**. Cambridge: Erlich, 1976.

Santos, V. S. D. DE MALINOWSKI AOS PÓS-MODERNOS: UMA BREVE REFLEXÃO ACERCA DA PESQUISA ETNOGRÁFICA NA ANTROPOLOGIA. **A Cor das Letras**, vol. 14, n.1, pp. 95-108, 2017.